

## Diotima de Mantineia

Clara Britto da Rocha Acker

Diotime de Mantinée é um artigo do livro *Femmes, Fêtes et Philosophie en Grèce Ancienne*<sup>1</sup>

Tradução: Ana Amélia Costa<sup>2</sup>

Recebido em: 13/11/2018

Aceito em: 29/03/2019

Diotima é, sem dúvida, uma das figuras mais controversas da obra de Platão. Presente em *O Banquete* através das palavras de Sócrates, ela e Timeu são as únicas personagens dos diálogos platônicos cuja historicidade é contestada. A única voz de mulher do *Banquete* é, no entanto, detentora de um saber sobre o Amor do qual não podemos negar o caráter de gênero, e de um gênero seguramente feminino. Diotima, cujo nome significa “honrada pelos deuses”, possivelmente nasceu por volta de 480 AEC, na cidade de Mantineia, na Arcádia. Platão e Proclo nos forneceram as poucas informações de que dispomos sobre a sua vida. No início da guerra do Peloponeso, Diotima devia ter cerca de 40 anos e vivia em Atenas, onde encontrou Sócrates, então com 30 anos. Em 440 AEC, Diotima conduziu os atenienses na oferenda do sacrifício que afastaria, por 10 anos, a peste de Atenas.<sup>3</sup> No mesmo ano, Sócrates e Alcibíades participaram da batalha de Potideia, na Macedônia. A epidemia de peste chegou, de fato, em 430 AEC. Em *O Banquete*, somos informados de que houve diversos encontros entre Diotima e Sócrates<sup>4</sup>, que a considerava uma *sophe*, uma sábia.<sup>5</sup> Ela era sem dúvida muito culta, parecia conhecer e apreciar Heráclito, proclamando, em seus discursos, que a transformação e o movimento são constituintes da Natureza.<sup>6</sup>

Para começar a refutar os argumentos daqueles que negam a existência da professora de Sócrates, devemos observar que a simples razão de não haver outras referências a ela em outros textos platônicos não é suficiente para declarar que Diotima seja uma criação ou, ainda, uma máscara de Sócrates ou de Platão. Em primeiro lugar, Diotima é nomeada a partir de sua cidade de origem, Mantineia; ela não é apenas “a estrangeira”, ela possui um nome e sua cidade existia. Sócrates explica que, graças a seu grande conhecimento sobre vários assuntos, Diotima pôde preservar a saúde dos atenienses por 10 anos, e seus contemporâneos deviam estar cientes desse fato. Sócrates relata que se encontrou com Diotima diversas vezes e que ela lhe ensinou o que ele sabia sobre o Amor. Tendo em vista que Sócrates reconhecia nada saber além do tocante a *Eros*, Diotima deve ser considerada como sua professora de Erososofia. Sócrates, aliás, a chama de mestra.<sup>7</sup> É chocante constatar o quanto a História da Filosofia rejeitou as palavras de Sócrates, escritas por seu discípulo e amigo Platão. A verdadeira reunião do *Banquete* ocorreu em 416 AEC, mas o diálogo foi redigido vários

1 ACKER, Clara. *Femmes, Fêtes et Philosophie en Grèce Ancienne*. Paris: L'Harmattan, 2013, p.103-116.

2 Professora de Filosofia, mestre e doutora em Literatura Comparada, contemplada com a bolsa Faperj, Programa Pós-Doutorado Nota 10 - 2017.

3 Platão. *O Banquete*, 210d.

4 *Idem*, 206b e 207a.

5 *Idem*, 201d3.

6 *Idem*, 207d-208b.

7 Platão. *O Banquete*, 207c.

anos depois. Sócrates já estava morto e não há nenhuma razão para se pensar que Platão tenha inventado uma personagem chamada Diotima, a fim de utilizá-la como máscara para Sócrates, permitindo, assim, que ele dissesse coisas que não poderia dizer de outra forma, como sustentam Léon Robin e Reale.<sup>8</sup> Temos ainda mais dificuldade em admitir esse argumento quando sabemos que Sócrates nunca precisou de nenhuma máscara e que pagou com a própria vida sua honestidade intelectual. Parece-nos igualmente inadmissível imaginar que Platão tenha posto na boca de Sócrates palavras mentirosas sobre a origem de seu conhecimento sobre *Eros*, o que poderia ter sido refutado por qualquer testemunha da época. Ao contrário, teria sido vergonhoso que Platão atribuísse a Sócrates informações tão importantes, se elas fossem falsas. Outros estudiosos pensam que o fato de Diotima parecer conhecer os argumentos de todos os demais participantes do banquete advoga contra a sua existência, já que ela havia se encontrado com Sócrates bem antes da ocorrência do Simpósio. Mas Diotima podia perfeitamente conhecer por outros meios todas as teorias sobre o Amor expostas pelos outros participantes do *Banquete*. É evidente, por exemplo, que Diotima conhecia Heráclito e suas teorias sobre o movimento. De qualquer maneira, a ordem na qual os argumentos foram refutados por Diotima não foi necessariamente a mesma no diálogo e na realidade, o que não muda em nada o conteúdo principal de seu discurso.

Assim, parece-nos evidente que é necessário admitir a existência histórica desta figura pública originária da Mantinea, uma cidade que não apenas existiu, mas cujo próprio nome remete ao culto profético. Platão designa a cidade de origem de Diotima e põe seu nome nos lábios de Sócrates, fazendo com que ele dissesse que ela foi sua mestra nas questões referentes ao Amor.<sup>9</sup> Ainda que os Antigos nunca tenham contestado a sua existência, a realidade histórica da sacerdotisa da Mantinea foi sistematicamente negada desde o fim do século XV. Entretanto, muitas outras evidências foram negligenciadas. Quase não se menciona o trabalho arqueológico de Gustave Fougères, que, tendo empreendido escavações em Mantinea, demonstrou a existência, nesta cidade, de uma importante comunidade de mulheres profetisas.<sup>10</sup>

Nem mesmo as citações de Luciano<sup>11</sup>, de Aristides<sup>12</sup>, de Máximo de Tiro<sup>13</sup>, de Clemente de Alexandria<sup>14</sup> e de Temístio<sup>15</sup> puderam contornar uma suposição transformada em dogma desde a Renascença. Os especialistas foram categóricos em negar a existência histórica de Diotima.

Da mesma forma, as três citações feitas por Proclo foram solenemente ignoradas, embora seus comentários sobre a *República* e sobre o *Timeu* sejam bem claros. Na Dissertação VIII, Proclo cita Diotima juntamente com Teano, fazendo da sacerdotisa uma pitagórica.<sup>16</sup> Essa informação é capital porque não está em *O Banquete* e por se referir indubitavelmente a outra fonte.

Mas, o que permite que Proclo diga que Diotima era uma pitagórica? Embora ela use os termos *mathema* e *mathemata* para falar da Ciência do Belo<sup>17</sup>, em sua explicação não há espaço para os números ou a música, para a metempsicose, nem para uma vida comum entre amigos! Diotima explica o *Eros* acima de tudo como o filósofo “por excelência” e o filósofo, como um amante que dá à luz na Beleza, graças à busca pela imortalidade. A imortalidade é, aliás, mostrada como uma conquista difícil para aqueles que legaram seus nomes à posteridade: ela exige um esforço<sup>18</sup>, assim como a iniciação e o parto. Aqui está um ponto capital de seu diálogo com Sócrates, que demonstra sua diferença em relação ao pensamento pitagórico e platônico. A imortalidade não é a natureza essencial da alma, ela não é dada, mas, ao contrário, deve ser

8 ROBIN, Léon. *Notice au Banquet*, éd. Les Belles Lettres, p. XXV e LXXXIX; REALE, Giovanni. *Eros, demonio mediador*, p. 22-37, 168-175 e 216.

9 Platão. *O Banquete*, 201d-e.

10 *Mantinee et l'Arcadie orientale*, p. 221 e seguintes.

11 *L'Eunuque*, Les Portraits.

12 *Orations*, II, 46.

13 *Dissertations*, XXIV, 4; XXIV, 7; XXVII, 4.

14 *Stromates*, VI.

15 *Orations*, 165d.

16 *Commentaire sur la République*, 248, 25-30.

17 Platão, *O Banquete*, 211c6-9.

18 *Idem*, 207d-208e.

conquistada, pela geração de filhos do corpo e da alma. Se, como afirma Diotima, *Eros* deseja a imortalidade e sua presença é visível até mesmo no comportamento dos animais, então *Eros* funciona como um instinto natural de conservação das espécies! Então, o Amor não precisa da razão para alcançar seus fins, ele pode eventualmente utilizá-la, no caso dos seres humanos, para gerar virtudes e discursos. Em compensação, se tem algo de que ele tem absoluta necessidade, é da Beleza.

Podemos imaginar uma relação entre Diotima e os Órficos? Mas não há entidades órficas, como Noite, Caos ou Ovo, em seu discurso. Em hipótese alguma o corpo é considerado como o túmulo da alma; ao contrário, ele é absolutamente necessário para o engajamento no Amor! Na ascensão iniciática, a beleza do corpo<sup>19</sup> é o primeiro passo sem o qual não é possível começar a elevação no caminho do Amor.

Como então justificar que Proclo considerasse Diotima como uma destacada pitagórica? Talvez porque ela tenha dado resposta a um importante problema da escola pitagórica. Tendo separado os princípios em duas listas de opostos complementares, os pitagóricos buscavam um conceito que pudesse assegurar seus vínculos. Mas a forma como Diotima dá essa resposta, criando um mito e falando como uma profetisa possuída pelo transe, bem como o conteúdo de sua resposta, que fará de *Eros* um intermediário ligado à busca da imortalidade, através da gravidez e do parto, pode, de diversas formas, relacioná-la aos ritos iniciáticos das bacantes em honra a Dionísio. A descoberta desse termo intermediário, o *daimon* como *metaxu*, é extremamente importante para explicar *Eros* e a própria Filosofia, separando e unificando todo o Cosmo, apontando para as oposições sem destruí-las. A Erosófia de Diotima ultrapassa o dualismo! Não há supressão dos contrários, como na dialética de Hegel, como observa Irigaray.<sup>20</sup> Em Empédocles, vemos o caráter unificador de *Philotes*, mas não há, justamente, referência a *Eros*. Obviamente é impossível provar que Diotima fez a descoberta do *metaxu*, mesmo sendo essa palavra citada sete vezes em seu discurso.<sup>21</sup> Sabemos que a busca por esse terceiro termo era importante para os pitagóricos, que tentavam encontrá-lo na Aritmética ou na Geometria, mas a ideia de que *Eros* é um *daimon* e um filósofo parece ser a contribuição pessoal de Diotima à Filosofia. *Eros* não é pensado como um conceito de propriedade, mas como uma busca da imortalidade que necessita do Belo para gerar filhos, poemas, leis e virtudes. Essa concepção do Amor como ascensão iniciática e do parto como cume, ou ápice do caminho iniciático pode ser perfeitamente relacionada com os ritos das bacantes de Dionísio. *Eros* é descrito como aquele que leva os animais, mas também os humanos e os deuses, a uma espécie de loucura, uma *mania*. Podemos classificar Diotima como uma filósofa pré-socrática? Esse parece ser o caso, já que ela fala de *Eros* como uma entidade que abraça toda a *Physis*.

Na Dissertação IX, Proclo evidencia o quanto Diotima era perita na arte profética e iniciática: “Ora, se é verdadeiro que, mesmo entre as mulheres, há almas semelhantes aos deuses, por que razões as virtudes não são a elas também comuns? Ou iremos consentir que tenha havido mulheres aptas à adivinhação, assim como os homens, quando possuídas pelos deuses oraculares, como as profetisas e outras peritas em “teléstica”, como a Diotima de Platão, como Teoxena entre os bárbaros, como Berenice, essa outra mestra da magia, mas, no entanto, delas retirar a temperança, a coragem e a prudência?”<sup>22</sup> Nesse texto, Proclo nos diz claramente que Diotima foi uma profetisa e uma especialista das iniciações (“teléstica”), possuída pelos deuses oraculares. Temos aqui mais um claro indício do pertencimento de Diotima ao culto dionisíaco, uma vez que Dionísio era um deus oracular, particularmente ligado à *mania teléstica*, assim como nos ensina Platão em *Fedro*.<sup>23</sup> Isso nos leva à conclusão de que Diotima era uma sacerdotisa de Dionísio e, justamente por esse motivo, sua presença é capital no *Banquete*.

Em seu *Comentário sobre o Timeu*, Proclo observa que “é estranho que Sócrates, que aprendeu com Diotima a ciência do amor, e é superiormente conduzido por ela ao Belo-em-si, a própria Diotima, ela, que o eleva e conduz em sabedoria, não obtenha a mesma espécie de vida porque esta foi propagada com um corpo de mulher.”<sup>24</sup>

19 Platão, *O Banquete*, 210a-b.

20 IRIGARAY, Luce. *Étique de la différence sexuelle*, p. 181-195.

21 Platão, *O Banquete*, 202a2, 202a7, 202b4, 202d8, 202e, 204b, 204b5.

22 Proclo, *Commentaire sur la République*, 255, 15-20.

23 Platão, *Fedro*, 265b.

24 Proclo, *Commentaire sur le Timée*, 281, 20-30.

A afirmação de Proclo confirma que Diotima foi a mestra de Sócrates e que ela sabia mais do que ele no que tange a *Eros*. Dessa forma, parece-nos absolutamente evidente que o saber relativo a *Eros* é a contribuição filosófica própria a Diotima, por ela transmitida a Sócrates e por ele assumida como sua.

Estes comentários não deixam dúvida de que, para Proclo, assim como para outros filósofos da Antiguidade, Diotima foi um ser real, uma profetisa, uma sacerdotisa especializada nas iniciações e uma perita em Erosófia.

Diante de tais evidências, não há como negar o preconceito de gênero que circunda Diotima e as mulheres filósofas em geral. Graças ao inestimável trabalho de Mary Ellen Waithe<sup>25</sup>, possuímos hoje um catálogo precioso de fontes e de referências relativas a essas mulheres, e podemos rever os dogmas e preconceitos, de forma a inserir na História da Filosofia a importante contribuição das mulheres filósofas.

O mito do nascimento de *Eros*, tal como nos é contado por Diotima no *Symposium*, é desconhecido das fontes mais antigas, mas já na poesia de Alcman encontramos uma personificação de *Poros*. Da mesma forma, a identificação de *Eros* com um *daimon* é totalmente nova, mesmo se Hesíodo, Heráclito, Empédocles e outros filósofos pré-socráticos conheciam os *daimones*.

*Eros* é descrito como um intermediário (*metaxu*) entre mortais e imortais, humanos e deuses, por causa de seus pais: o pai, filho de uma deusa, com muitos recursos, e a mãe, pobre e esfomeada. A criação desse mito demonstra que Diotima era uma “mitóloga” e que ela tinha conhecimento das tradições orais de sua época.

O grande *daimon* foi concebido no dia do nascimento de Afrodite, quando o vinho ainda não existia.<sup>26</sup> Essa interessante observação mostra com clareza a conexão entre *Eros* e o líquido dionisíaco por excelência! Sem *Eros*, não pode haver vinho! Neste contexto, é igualmente importante lembrar que, em um ritual de Chipre, Afrodite e Ariane, a amante de Dionísio, eram assimiladas uma à outra!<sup>27</sup>

Lembremo-nos de que, em seu julgamento, Sócrates, acusado de não acreditar nos deuses da *pólis*, declara crer, entretanto, nos filhos bastardos dos deuses com as ninfas, os *daimones*.<sup>28</sup> Ora, Dionísio é filho de um deus, Zeus, com a ninfa Sêmele. Seu estatuto intermediário é único no panteão grego, com exceção de Hermes, também ele filho de um deus com uma ninfa. Dionísio, que impõe seu duplo estatuto, deus e humano, imortal mortal, é a própria imagem do *Eros* de Diotima. Também é igualmente interessante observar que *Eros* é o filho de *Poros* e de *Pênia*, riqueza e penúria, mas é graças à sua mãe e não a seu pai que *Eros* possui sua mais importante característica: a carência, reforçando a importância da herança materna no mito de sua origem. Por outro lado, é notável que a iniciativa da concepção seja tomada pela mãe de *Eros*, enquanto *Poros* está dormindo. O papel ativo da mãe e a transmissão da linhagem matrilinear são assim destacados, contrariando a valorização da reprodução dos traços do pai na prole, tão desejado pelos homens gregos.<sup>29</sup> Sobre esse aspecto, devemos pensar no próprio Sócrates, cujo pai era um escultor e a mãe, uma parteira. Ele assume o papel da mãe ao se designar como parteiro de almas, dando à Filosofia o status de um parto.<sup>30</sup> O modelo de Sócrates é a mãe, pois ele nunca comparou a Filosofia a um trabalho de escultura.

O fato de Diotima exprimir várias vezes suas dúvidas em relação à capacidade de Sócrates em compreender as coisas relacionadas a *Eros* e se interrogar sobre o fato de ele poder atingir o mais alto grau de iniciação, parece ser uma demonstração da *tekne* do amante, tal como ela é explicada pelo próprio Sócrates em *Lísias*.<sup>31</sup> O amante não deve glorificar seu amado antes de tê-lo conquistado, mas deve sobretudo mostrar-lhe seus limites, em especial no que concerne ao conhecimento, mostrando-lhe o que ele não sabe. É exatamente o que faz Diotima no *Symposium*, evidenciando o caráter amoroso de sua relação com Sócrates. Diotima ama Sócrates e ela vai lhe ensinar o que ele ignora sobre *Eros*.

25 *A History of Women Philosophers*, vol. 1, Martinus Nijhoff Publishers, Dordrecht, 1987.

26 Platão. *O Banquete*, 203b.

27 Plutarco. *Vida de Teseu*, 20.

28 Platão. *Apologia de Sócrates*, 27d.

29 Nicole Loraux, *Les Mères em deuil*, p. 106-119.

30 Platão. *Teeteto*, 149a-152a.

31 Platão, *Lísias*, 206a-c e 210e.

Notemos aqui o quanto a negação da existência histórica de Diotima foi vantajosa, primeiramente enquanto negação de gênero, que impediu que a atenção fosse dada ao caráter definitivamente feminino da doutrina de *Eros*. Uma segunda vantagem foi a negação do conteúdo do discurso de Diotima, que impediu a compreensão de sua essência claramente dionisíaca. Nem o feminino em seu aspecto maternal nem o delírio sagrado são sublinhados pelos comentaristas como determinantes no conhecimento a respeito de *Eros*. No entanto, *Eros* é uma gravidez que deve culminar com o parto e, ao mesmo tempo, *mania*, palavra comumente utilizada na esfera dionisíaca.

O transe, elemento orgânico do ritual das bacantes, é uma experiência de vida na qual florescem as vozes das profetisas. Ele atua no tempo mítico de uma origem que se faz realidade presente através do ritual. A profecia, a bruxaria, as iniciações, os sacrifícios são, todos, atividades das sacerdotisas de Dionísio no ritual iniciático das bacantes, e essas atividades são exatamente as mesmas descritas por Diotima como sendo a *tekne* dos sacerdotes. Por outro lado, se Diotima sabia que tipo de sacrifício podia afastar a peste por dez anos da cidade de Atenas, isso quer dizer que ela devia ter conhecimentos sobre as curas. Ora, a palavra usada para descrever esse sacrifício o relaciona ao ritual de Dionísio: *thusaménois* é normalmente traduzido como sacrifício, mas Homero utiliza *tathustla*<sup>32</sup> para falar dos objetos sagrados carregados pelas bacantes, Lycophron emprega *thúsai*<sup>33</sup> para bacantes e Thyiade é uma denominação de bacante. Ao examinar o conteúdo das lições de Diotima a Sócrates, encontramos ainda mais indicações sobre os elos entre essas palavras e os ritos das mulheres dionisíacas. Esses ritos iniciáticos, conhecidos pelo nome de menadismo, praticados e conduzidos por mulheres, eram intimamente ligados à maternidade, à profecia e à cura. Supunha-se que eles, através de práticas rituais muito sofisticadas, conduzissem as mulheres à compreensão profunda do que significa ser mulher, através de uma concepção abrangente da maternidade, que devia abarcar toda a Vida e toda a Natureza.

Segundo Diotima, até mesmo os animais estão submetidos às leis do amor à imortalidade, quando esses cuidam de seus filhotes, podendo chegar ao sacrifício de suas próprias vidas.<sup>34</sup> *Eros* é um caminho natural para atingir a imortalidade, acessível a todos os seres vivos, sendo responsável pela preservação das espécies.<sup>35</sup> A Erosófia ensinada por Diotima é intimamente ligada ao amor parental, com ênfase particular no amor da mãe, como aquela que dá à luz na Beleza, cuidando e alimentando os filhos em comum. Quem, além de uma mulher, teria podido pensar no Amor como um filósofo que deseja parir na Beleza? Em que contexto Diotima teria adquirido esse tipo de conhecimento, senão entre aquelas que praticavam os ritos menádicos em honra a Dionísio? O amor dos pais deve ser aquele que educa, mostrando os limites, ao alimentar, ao cuidar e ao guiar seus filhos na direção da virtude, que tem por fim a conquista da imortalidade.

Um dos objetivos do Amor é fazer nascer na Beleza uma virtude de tipo muito especial. Homero, Hesíodo e outros grandes poetas, mas também homens políticos como Licurgo e Sólon, são tidos por imortais. Dessa forma, a mais alta virtude é fruto de *Eros*, assim como a Poesia e a elaboração de leis para a *pólis*. É fundamental reconhecer que Diotima dá importância capital à Beleza, sem a qual *Eros* não pode parir.<sup>36</sup> A Beleza é, assim, uma condição *sine qua non* do bem ético, político e artístico. O Bem é uma consequência do Belo, e essa dimensão essencial da estética é fortemente destacada por Diotima. Mesmo sendo a beleza divina chamada de *monoeides*, o peso de seu discurso é posto sobre a gravidez e o parto na Beleza, e sobre o fato de alimentar a verdadeira virtude. Também neste ponto a predominância da Beleza sobre o Bem e a ausência da doutrina das Ideias distinguem o pensamento de Diotima daquele de Platão.

O dinamismo da noção de *Eros* como *metaxu* mostra o filósofo como alguém sempre em movimento, sempre à procura, não apenas por instinto de preservação, mas em uma busca espiritual. É também muito

32 Homero, *Iliada*, VI, 134.

33 Lycophoron, *Alexandra*, 106.

34 Platão, *Banquete*, 206b-207d.

35 Pensamos que esta concepção do Amor fornecerá a base para a escola estoica na elaboração do conceito de *oikeiosis*. Ver também o *Banquete*, 205e7.

36 Platão, *Banquete*, 206c-e, 209b-d.

interessante que Diotima cite a antiga deusa Eileithya<sup>37</sup>, que mais tarde foi confundida com Ártemis. Eileithya era honrada pelas mulheres grávidas desde o Neolítico, sua gruta em Creta ainda pode ser visitada hoje em dia. O sufixo *thya* a relaciona às Thyiades, outra designação para as bacantes.

Acreditamos que o conceito de *metaxu* enquanto Eros e *daimon* é uma das mais importantes contribuições de Diotima para a Filosofia. A proposição lógica do terceiro excluído quer dizer que uma coisa não pode ser o mesmo e seu contrário ao mesmo tempo e na mesma relação, nas Diotima clama por um terceiro incluído, de forma que alguma coisa possa ser quente e fria, mortal e imortal, rica e pobre. O terceiro termo como terceiro incluído também indica a ênfase dada ao número três, conectado ao triângulo e ao simbolismo do feminino e da mãe.

Se pensarmos nos ritos iniciáticos das mulheres em honra a Dionísio, lembrando de sua conexão com a gravidez, só precisamos imaginar o ventre da mulher grávida, que praticamente nos mostra o terceiro incluído. A criança dentro do útero é e não é sua mãe...

Tudo isso explica porque o primeiro deus citado no *Banquete* é Dionísio, assim como a razão pela qual Platão insiste em usar grande quantidade de referências à *mania* nesse diálogo. A partir daí, é importante tirar todas as consequências de tais indícios e lembrar que Sócrates estabeleceu um elo entre a Filosofia e a vida, ao contrário dos Órficos, que a relacionam com a morte. Sócrates tinha um *daimon* que não apenas lhe dizia o que ele não devia fazer, mas também com quais amigos ele podia se relacionar, que lhe dizia como os ajudar, quando isso se fazia necessário.<sup>38</sup> Sócrates não era um racionalista como Platão. Nas palavras de Diotima, a Poesia, uma bela filha de Eros, era altamente positiva, como também era o caso em *Íon*. A inspiração do poeta também era uma espécie de *mania* e o exemplo dado, nesse diálogo, é precisamente aquele das mulheres, as bacantes, que praticavam os ritos de Dionísio!<sup>39</sup> Todos esses argumentos podem explicar as diferenças de apreciação e de valor outorgadas à *mania* e à poesia nos diálogos platônicos. O valor atribuído à irracionalidade deve ser atribuído à Filosofia própria a Sócrates e é de grande importância considerar a teoria de Eros como legado de Diotima a Sócrates. Isso nos leva a afirmar a importância capital da contribuição do culto a Dionísio, especialmente os ritos femininos das bacantes, à Filosofia.

Por todas essas razões, vemos que a contribuição de Diotima de Mantineia foi fundamental na elaboração do que temos o hábito de chamar de teoria platônica do Amor. A Erosófia, essa sabedoria sobre o Amor, não foi apenas elaborada nos círculos dionisíacos frequentados pela sacerdotisa, não se trata somente de um conhecimento comunicado por uma mulher, mas trata-se de uma sabedoria intrinsecamente feminina, que valoriza o corpo feminino, a ética do cuidado, o amor materno e o delírio sagrado como essenciais à Filosofia. Diotima se revela, assim, não apenas uma sacerdotisa, mas uma autêntica filósofa, situada na origem de todo saber socrático e, assim sendo, na raiz de toda a Filosofia ocidental. Aqui, rendemos homenagem a esta imensa filósofa, à professora de Sócrates, escandalosamente subtraída por uma História da Filosofia misógina e mentirosa, que não pode ou que não quer ver uma mulher na origem de uma das mais belas e promissoras doutrinas antigas, como aquela do Amor.

## Referências bibliográficas:

ACKER, Clara. *Femmes, Fêtes et Philosophie en Grèce Ancienne*. Paris: L'Harmattan, 2013.

\_\_\_\_\_. "Dioniso, Diotima, Sócrates e a Erosófia". Revista *Aisthe* online, v. 3, p. 27-43, 2010

ALEXANDRIA, Clemente de. *Stromates*. VI. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/109774301/clemente-de-alexandria-stromata-livro-viii-pdf> Acessado em 10 de março de 2019.

ARISTIDES. *Orationes*, II. Disponível em: [https://books.google.com.br/books/about/The\\_complete\\_works.html?id=vsgUAAAIAAJ&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/The_complete_works.html?id=vsgUAAAIAAJ&redir_esc=y). Acessado em 10 de março de 2019.

37 Platão, *Banquete*, 206d.

38 Platão, *Teages*, 128d-130a.

39 Platão, *Íon*, 534a-b.

- FOUGÈRES, Gustave. *Mantinée et l'Arcadie orientale*. Paris: Albert Fontemoing Éditeurs, 1898. Disponível em: <https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/fougeres1898/0001/image> Acessado em 10 de março de 2019.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/iliadap.html> Acessado em 10 de março de 2019.
- IRIGARAY, Luce. *Ethique de la Différence Sexuelle*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. <https://philpapers.org/rec/IRIEDL>. Acessado em 10 de março de 2019.
- LORAU, Nicole. *Les Mères en deuil*. Paris: Seuil, 1990.
- LUCIANO. *L'Eunuque*. Obras completas de Luciano traduzidas para o inglês. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/browse/authors/l#a1997> Acessado em 10 de março de 2019.
- LYCOPHORO. *Alexandra*. Paris: Mercure de France, 1971.
- MÁXIMO DE TIRO. *The Philosophical Orations*. Trad. e introdução de Michael Trapp. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Trad. Manuel de Oliveira Pulquério. Edições 70. Lisboa, 2009
- \_\_\_\_\_. *O Banquete*. Trad. José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora Nova Cultural. Ed. 5. 1991
- \_\_\_\_\_. *Fedro*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. 1975.
- \_\_\_\_\_. *Lísias*. Introdução versão e notas de Francisco de Oliveira. Brasília: UNB, 1995..
- \_\_\_\_\_. *Teeteto*. Trad. Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa. 2008.
- PLUTARCO. *Vidas de Teseu e Rômulo*. Tradução do grego, introdução e notas de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2008.
- PROCLO. *Commentaire sur la République*. Paris: J. Vrin, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Commentaire sur le Timée*. Paris: J. Vrin, 1998.
- REALE, Giovanni. *Eros, demonio mediador*. El juego de las máscaras en *El Banquete*, de Platón. Barcelona: Herder, 2004.
- ROBIN, Léon. *Notice au Banquet*. Paris : Les Belles Lettres, 1951.
- TEMÍSTIO. *The private Orations of Themistius*. With an English translation by Robert J. Penella. California: University of California Press, 1999.
- WAITHE, Mary Ellen. *A History of Women Philosophers*, vol. 1. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1987.